

CENTRO DE FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA E A CRISE SOCIOAMBIENTAL NA MODERNIDADE

Clariana Maria Werkauser Bressiani; Hieda Maria Pagliosa Corona

Tecnóloga em Administração Rural e Graduada em Normal Superior, Especialista em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável e em Educação Especial Inclusiva, Mestranda em Desenvolvimento Regional pela –UTFPR. Casa Familiar Rural de Manfrinópolis – PR. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR; professora e pesquisadora da UTFPR/Campus Pato Branco.

Resumo - O presente trabalho apresenta uma reflexão a respeito de como a Pedagogia da Alternância, dos Centros Familiares de Formação por Alternância, possibilita meios para a construção de ações que preconizam um ambiente favorável para a manifestação tanto da subjetivação quanto da racionalização (TOURAINÉ, 1994). Isso porque, as práticas convencionais da escola moderna estão fundamentadas na reprodução do conhecimento considerado válido, o qual está fundamentado na ciência, sob a ótica da racionalização e a redução do papel dos sujeitos do conhecimento. Através da prática da interdisciplinaridade e dos instrumentos pedagógicos, as CEFFAS mantêm estratégias educativas que possibilita romper em parte com o paradigma dominante, porque o ensino acontece na relação integrada entre aluno-família-comunidade-CEFFAS, visando articular a realidade vivida pela família e o processo educativo

Palavras-Chave: Agricultura Familiar, Centro de Formação por Alternância, Subjetivação e Racionalização.

Abstract- This paper presents a reflection on how the Pedagogy of Alternance of the Alternation Family Training Centers, provides some means for the construction of actions that advocate a favorable environment for the manifestation of both subjectivity and rationalization (Touraine, 1994). That's because the conventional practices of the modern school are based on the reproduction of knowledge as valid, which is grounded in science, from the perspective of streamlining and reducing the role of subject knowledge. Through the practice of interdisciplinarity and teaching tools, the educational strategies that CEFFAS's possible to break away in part to the dominant paradigm, because education happens in the integral relationship between student-family-community-CEFFAS, aiming to articulate the reality experienced by the family and the process educational

KeyWord: Family Farm, Alternation Family Training Centers, Rationalization and Subjectivity.entre3a5

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de uma reflexão sobre aspectos voltados a agricultura familiar com enfoque no que diz respeito a formação de jovens rurais através da pedagogia da alternância, centrando no debate relacionado a subjetivação e racionalização. Este trabalho propõe evidenciar as oportunidades e ações formativas para a família agricultora, ofertadas pelo Centro Familiar de Formação por

Alternância, destacando as dimensões da educação integral e ambiente propício a subjetivação e racionalização (TOURAINÉ, 1994). Pela proposta das CEFFAS, supõe-se que haja quebra de paradigma frente ao processo ensino-aprendizado convencional, com contribuições importantes para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Num primeiro momento a discussão desenvolvida no presente artigo tratará do resgate histórico das conseqüências da modernidade e seus reflexos

sociais; seguida da análise sobre a agricultura familiar no contexto da modernização; por fim, tratará do debate a partir da Pedagogia da Alternância dos CEFFAs (Centros Familiares de Formação por Alternância) e seu papel no processo de formação integral, bem como, a interdisciplinaridade como metodologia privilegiada no processo educativo. A educação integral visa uma forma educativa humanista, voltada aos valores éticos, culturais, econômicos, sociais e ambientais, em bases sustentáveis.

2.1 Modernidade e suas Consequências

O triunfo da modernidade racionalista, rejeitou, esqueceu e encerrou as instituições tudo que parecia resistir ao triunfo da razão. O mundo em seu estado capitalista, aceita e escolhe a idéia de modernidade. As sociedades são em sua maioria penetradas por novas formas de produção consumo e comunicação. No entanto,

Todos nós estamos embarcados na modernidade, é necessário saber se como sujeitos viajantes levado por anseios e esperanças e conscientes de rupturas inevitáveis. No entanto a entrada da modernidade no sentido de uma decolagem supõe um esforço violento para sair da tradição, expondo-se mais ao perigo, visando após este processo um estado de conforto, na busca de gozar uma ordinária libertação em que a ação do conflito e esforços de cada país durante um século vislumbresse o acesso a democracia, a abundância e a felicidade (TOURAINÉ, 1994, p. 214.)

A ação econômica através de sua extrema autonomia no modelo capitalista torna a sociedade individualista onde os sujeitos desenvolvem suas atividades e buscam seus anseios como se não estivessem inseridos em um ambiente de possibilidades recíprocas de ação coletiva. Touraine (1925,p.216) faz referencias em que a modernidade está diretamente relacionada a racionalização, mas também a formação dos sujeitos no mundo que se responsabilize por si mesmo e pela sociedade, onde os modos de vida e produção que as antigas gerações estabeleceram através da construção empírica não passasse de um mero acaso.

Atualmente a sociedade nunca produziu tantas formas de desigualdade nos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, resultados visíveis de um modelo econômico capitalista esgotado pelas suas próprias raízes funcionais. Essa desestabilização degradou principalmente as relações sociais tornando os sujeitos individualizados e competitivos, respondendo positivamente aos reflexos do neoliberalismo. Neste sentido, "O capitalismo global penetrou em todos os interstícios da individualidade, da subjetividade e do cotidiano, convertendo a ambição de ganho no valor mais alto do homem, em motivação para a

inovação, em razão de ser no mundo." (LEFF,2001,p 57).

Na atualidade a imagem mais visível da modernidade se evidencia quando Giddens (1991, p 28.) coloca que as "fichas simbólicas são um mecanismo de desencaixe. Isso porque, existe um "Deslocamento" das relações sociais de interação face a face, e sua reestruturação através de extensões de tempo e espaço, com distanciamento das relações. No entanto, uma sociedade mais de troca que de produção, a industrialização oportunizou o consumismo, de forma que a necessidade de troca constante, a insaciável busca do moderno levou os indivíduos a perder sua identidade, colocando o "ser" em relação inferior ao "ter".

Para Beck (1944) a tese da sociedade de risco reconhece que se torna imprevisível a ameaça provocada pelo desenvolvimento técnico-industrial, que não levou em conta os riscos resultantes de seu desenvolvimento. Esse processo conduz a auto-reflexão crítica das bases sociais e o exame das convenções e dos fundamentos da racionalidade. A busca de uma maior compreensão destes desafios faz-nos entrar em uma arena em que o debate sobre as questões do conflito sociedade e ambiente se coloca.

Entretanto para Beck (1944) a reflexão do risco oriundo da modernidade supõe fases, uma em que os defeitos da sociedade industrial não permeavam os debates políticos, e outra que os defeitos do sistema industrial seriam contemplados nos debates públicos. Essas duas possibilidades demonstram que a industrialização tornou-se politicamente e socialmente problemática.

A necessidade de uma reavaliação de hábitos e costumes, as formas de organização sociais remetem a um paradigma de complexidade, propondo mudanças nas estruturas socioeconômicas e ambientais do planeta. A teoria da complexidade levantada por Morin busca "unir as noções antagônicas para pensar os processos organizadores produtivos, e criadores no mundo complexo da vida e da história humana" (MORIN, 2000, p. 204).

As condições da evolução técnica e científica segundo Touraine (1925) vincularam o sujeito ao racionalismo e a instrumentalidade, a fragmentação do conhecimento. Não se trata de uma aversão a racionalidade humana, mas um debate na perspectiva de também valorizar a subjetivação do sujeito. Para tanto a necessidade de uma reflexão em torno dos fatores que tangem a ações e reflexos da modernidade a partir de seu desenvolvimento técnico industrial necessitam ser evidenciados.

Ao mesmo tempo que se segue padrões industriais antigos surgem interesses políticos e judiciais que fomentam a sociedade de riscos. A racionalização do sujeito da condição para que os riscos sejam

reproduzidos e torna a sociedade criticamente ativa desenvolvendo uma modernização reflexiva, possibilitando uma arena com sujeitos que se tornam atores sociais (subjetivação e racionalização) da mudança.

A educação influenciada pelo progresso da sociedade moderna contribuiu para formação de um indivíduo adaptado pelos processos de aprendizagem, fundados sob a égide do pensamento racional, que procurou controlar as influências do hábito e do desejo. A educação submeteu-se simplesmente à direcionar ao governo da razão, como ressalta Touraine (1994), da objetividade, perdendo de vista a integralidade sujeito/objeto.

No entanto, essa necessidade do resgate de valores éticos, sociais, humanos e ambientais pode ser desenvolvida através de práticas pedagógicas pertinentes para um desencadeamento de novas oportunidades. A prática pedagógica de Alternância protagonizada pelos agricultores para resistir aos reflexos negativos do progresso se torna uma das possibilidades. As possibilidades de reflexão a partir de uma construção educativa que resgate uma relação de vida mais sustentável e socialmente justa tornam possível um confronto com os problemas resultantes da modernidade.

Considerando os reflexos da industrialização Beck (1944) destaca também que é claramente que não é mais possível separar sociedade e natureza, pois a uma demonstração clara que existe uma sociedade naturalizada e uma natureza socializada. No entanto, esses conceitos conduzem a pensar nessa relação, porque a arena de debates, apresentam diferentes posições, nem sempre conciliáveis.

A questão e os movimentos ecológicos que parecem estar fazendo um apelo para salvação da natureza aceleram e aperfeiçoam este processo de consumação. Não é sem ônus que a palavra "ecologia". é de tal forma ambivalente que tudo desde os sentimentos de volta a terra natal até o hipertecnologismo pode encontrar nela um lugar e um espaço. (TOURAINÉ, 1994, p. 41)

Os reflexos ocorridos na natureza, como a poluição e degradação, são demonstrações do esgotamento dos limites da relação sociedade e natureza, mediada pela técnica e tecnologia, sob a base da racionalização da modernidade. O deslocamento da população rural e a concentração no urbano, de modo que a produção e a reprodução de bens e serviços geraram conseqüências desastrosas no desenvolvimento social, humano e principalmente ambiental.

Neste contexto, surge a utopia ambiental que proporciona formas de mobilização social e produtiva proporcionando novos processos democráticos dos governos em busca de desenvolver um ambiente sustentável, salienta Leff

(2001).

2.2 O rural moderno e a agricultura familiar

No contexto agrícola, os países industrializados, adotaram políticas de modernização que revolucionaram a agricultura, garantindo aos produtores preço estável, crédito facilitado para aquisição de máquinas, adubos e fertilizantes químicos, bem como, investimentos para o escoamento da produção. Modernizando o campo, liberava-se mão de obra para a indústria e para o setor de serviços.

Foram desenvolvidas variedades vegetais de alta produtividade, que dependiam, entretanto, da adoção de um conjunto de práticas e insumos conhecido como "pacote tecnológico" da revolução verde (insumos químicos, agrotóxicos, irrigação, etc.) um modelo tecnológico pouco sustentável. Foi criada também uma estrutura de crédito rural subsidiado e, paralelamente, uma estrutura de ensino, pesquisa e extensão rural associadas a esse modelo agrícola. Com apoio de órgãos governamentais e de organizações internacionais, a modernização expandiu-se rapidamente pelo mundo, promovendo uma intensa padronização das práticas agrícolas e a artificialização do ambiente natural.

Quando a sustentabilidade agrícola é deixada de fora da política econômica parecem lógicas as distorções que ameaçam a sustentabilidade. Os subsídios que incentivam o uso ineficiente dos insumos e recursos, as práticas produtivas que degradamos recursos naturais, e os programas de apoio a renda que restringem a rotações de cultura, podem, todos, parecerem válidos socialmente. De fato todos eles implicam altos custos sociais. (ALTIERE, 1998, p. 75)

No entanto, um dos principais argumentos para a disseminação desse modelo de produção agrícola (gestado nos Estados Unidos e na Europa) para os países em desenvolvimento foi a promessa de que ele acabaria com a fome no mundo. Isso, evidentemente, não ocorreu, por várias razões, o impacto da modernização agrícola foi desigual em todo o mundo. Apenas segmentos sociais e econômicos muito específicos se beneficiaram dos avanços tecnológicos e dos aumentos de rendimento e de produtividade ocasionados pela substituição dos sistemas agrícolas tradicionais pelos sistemas modernos.

Neste contexto, os resultados demonstraram uma adversidade em relação ao projeto com pretensão de homogeneizar com sucesso o ambiente rural. Faz-se necessário ressaltar que o espaço rural não apenas não se tornou homogêneo como tem uma grande potencialidade de auto estruturação, o que pode ser verificado no debate sobre a agricultura familiar e a multifuncionalidade.

Entendendo por agricultura familiar o que diz Wanderley (1999) em que a propriedade e o trabalho estão intimamente ligados à família e a combinação destes fatores é uma característica que tem conseqüências para a forma como esta agricultura age econômica e socialmente. Nela permanece um modo específico de organizar a produção “cujo funcionamento tem como referência à própria estrutura familiar da unidade de produção” (WANDERLEY, 1999, p.44). Ou como diz Lamarche:

A agricultura familiar, tal como a concebemos, corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados a família. A interdependência destes fatores no funcionamento da exploração engendra necessariamente noções mais abstratas e complexas, tais como a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração. (LAMARCHE,1993, p.15).

Historicamente a agricultura familiar no Brasil luta incessantemente para preservar seu lugar na sociedade. Enfrentou por décadas o êxodo rural e o enfraquecimento da chamada: “pequena propriedade”, “pequena produção” e da “produção familiar”, pressionando por políticas públicas para este segmento.

No contexto atual, as famílias rurais segundo Maluf (2003, p.136,139) “tem um caráter pluriativo e multifuncional, isso nos leva observar as várias funções atribuídas a agricultura. Esta característica contribui para a valorização do fomento, em que as políticas de crédito a produção saíram de seu caráter convencional. “A agricultura de base familiar precisa de estímulo e apoio para que faça surgir as múltiplas funções associadas às atividades agrícolas e não agrícolas, com base nos saberes próprios. As comunidades rurais desenvolvem características que superam barreiras do mundo globalizado, “pois se trata da manutenção do tecido cultural e social, da promoção da segurança alimentar, da preservação dos recursos naturais, para se reproduzir socialmente e economicamente” (MALUF, 2003, p.139)

O espaço rural afetado pelos impactos da modernização da agricultura familiar desenvolveu mecanismos próprios de superação, isso se evidencia quando observamos as organizações sociais locais, as quais buscam novas alternativas de desenvolvimento através de articulações específicas, ou seja, através de projetos educacionais, reorganização do setor produtivo e políticas públicas voltadas as necessidades do campo.

O desenvolvimento rural esta presente em muitos debates atuais relacionados aos aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais. A construção desse modelo de desenvolvimento deve ser pautado pela sustentabilidade e voltado a

superação de desigualdades no meio rural e do resgate de valores socioambientais. Nesse contexto a educação do campo se torna uma das possibilidades para a agricultura familiar desenvolver suas potencialidades. No entanto,

A educação significa consciência de direitos, consciência da exploração, significa cultura, e os regimes obscurantistas temem a cultura, tem pavor da consciência, tem pavor do que seus interesses sejam do conhecimento público. Por tudo isso fazem campanhas contra a educação. (GADOTTI, 1983,P 130).

Neste contexto há a necessidade de uma educação voltada para o meio rural, que religue educação e trabalho, considerando as características das unidades de produção familiar. Isso ficou evidente nas ultimas décadas, demonstradas pelo crescente êxodo rural, influenciados pela industrialização, no modelo capitalista, que proporcionou um aumento do setor produtivo e uma contradição: a exclusão social e aceleração do numero de marginalizados através de uma má divisão da produtividade. Neste contexto a agricultura é diretamente atingida através de pacotes tecnológicos interferindo nas cadeias produtivas e nos costumes e saberes locais.

Com base nesta análise podemos destacar a educação como potência quando voltada a uma lógica dialética que busca uma nova forma de construção do sujeito voltado a liberdade crítica, a cidadania, a coletividade e ao desenvolvimento de forma humana, social, econômica de modo sustentável. Neste aspecto evidenciada-se a formação por alternância desenvolvida pelo CEFFAs (Centros Familiares de Formação por Alternância).

2.3 Pedagogia da Alternância e CEFFAs

A Pedagogia da Alternância surgiu no sudoeste da França em 1935, onde um grupo de agricultores insatisfeitos com o sistema educacional vigente e seus métodos de exclusão do rural, preconizou uma metodologia voltada a formação de jovens rurais oportunizando-os a uma formação humana, voltada a realidade do campo e um novo olhar para a qualificação sem deixar de lado seu meio familiar de origem. No Brasil atualmente são 241 Centros de Formação por Alternância em 21 estados da federação. No sul do Brasil são 71 Casas Familiares Rurais espalhadas nos três estados, coordenados pela ARCAFAR-SUL (Associação Regional da Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil).

Uma educação humanista estabelecida por meio da formação integral, ofertada pela pedagogia da Alternância, como forma de enriquecer o conhecimento, considerando tudo aquilo que o sujeito traz de sua vivencia familiar. Nesse processo, é propiciado através do espaço educativo uma relação recíproca de troca entre o empírico e o científico, que leva em conta a racionalização e a

subjetivação do sujeito.

Este viés de discussão trás um debate do trabalho que se evidencia nos Centros de Formação por Alternância, mas abre uma possibilidade de análise da práxis partindo dos reflexos do mundo moderno que reforçam a racionalização e o consumismo individualista, que colocam em cheque a subjetivação do sujeito que tange todos os objetivos de uma formação integral desenvolvidos pelo CEEFAs. No entanto, a possibilidade da quebra de paradigmas promovida por esta nova forma de educação torna-se desafiadora. Visto que,

A modernidade se define antes de tudo pela passagem de uma concepção centralizada da vida social para uma concepção bipolar, portanto para gestão das relações ao mesmo tempo de complementariedade e de oposição entre a subjetivação e a racionalização. (TOURAINÉ,1994,p. 233).

Através da aprendizagem com base na qualificação técnica, na participação das famílias, nas alternativas para extensão rural, nas formas de cooperação, foram estabelecidas condições favoráveis ao acesso das comunidades locais a uma nova forma de ensino. Neste intuito a formação por alternância (tempo de ensino aprendizagem no espaço educativo da CEFFA e tempo de vivências práticas no meio rural familiar) com novos conteúdos, preconiza que é a família rural e suas potencialidades as referências básicas para a realização da Pedagogia da Alternância. Com suas metodologias específicas proporciona diferentes maneiras de ver, julgar e agir e contribui para o desenvolvimento do meio sócio profissional dos jovens e de suas famílias.

A pedagogia da alternância trabalha com quatro pilares contendo meio e finalidades. Os meios se constituem como a "alternância" um método pedagógico, a "associação" formada por pais, famílias, profissionais e instituições, as finalidades "formação integral" através de um projeto profissional e "desenvolvimento do meio" socioeconômico, humano, político, sua metodologia é voltada a instrumentos que possibilitem uma troca de conhecimentos entre propriedade e espaço educativo partindo de um plano de formação construído pelas famílias, monitores e conselho de administração.

Este plano de formação propõe temas geradores que demonstram o que deve ser estudado pelos jovens durante o período letivo. No que se refere a maneira de se trabalhar este método, busca-se seguir alguns instrumentos chamados de "caderno de alternância " contato individual" "plano de estudo", "colocação em comum", " visita de estudo", " visita a propriedade " , "curso", instrumentos que desempenham uma função necessária para o desenvolvimentos deste processo educativo em

que, os agricultores junto a seus municípios desenvolvem através de associação uma formação voltada a sua realidade local, onde em parcerias com órgãos públicos governamentais, não governamentais e agricultores buscam uma formação integral e agrícola para a juventude rural.

Este projeto vem a desafiar uma educação restrita a fragmentada que a modernidade produziu, onde através da efetivação de uma formação interdisciplinar diferenciada de outras metodologias, integram o sujeito e desenvolvem um contexto de re-ligamento de práticas e hábitos que a modernidade desfez. No entanto, "a moral moderna como não valoriza a razão como instrumento de harmonia com o ser humano com a ordem do mundo, mas a liberdade de como fazer do ser humano um fim e não um meio" (TOURAINÉ,1994, p. 243).

O indivíduo influenciado pelo progresso consumista torna-se adaptado a uma realidade sem iniciativas, um alvo de condicionamento que o distancia de seu ser subjetivo, o espaço de construção escolar quando sob a égide da racionalização moderna coloca em cheque os valores e saberes construídos pelas comunidades locais. A padronização do conhecimento torna o ambiente escolar com ênfase nas teorias e funções técnicas condicionadas ao modelo dominante de desenvolvimento, que fazem seus educandos indivíduos influenciados por saberes fragmentados.

Assim, contrapondo a esta realidade, a Pedagogia da Alternância preconiza um ambiente com condições de um debate em relação ao sentido e razão existencial, da liberdade e construção do sujeito crítico e dispõe de ferramentas metodológicas através da educação e do trabalho para que este método se evidencie.

A alternância fundamenta um vínculo entre o espaço escolar e a propriedade rural, dá ênfase as relações familiares e suas formas de convivência. Isto torna o ambiente familiar e comunitário espaço propício de construção para um relacionamento fundado na subjetivação e na racionalização.

No entanto, fazer as mudanças nas estruturas de formação para uma nova identidade escolar supõe grandes desafios. O Centro de Formação por Alternância se constitui em quatro pilares pedagógico: dois pilares da ordem das finalidades que se caracterizam pela formação integral e o desenvolvimento do meio social; e dois pilares da ordem dos fins que se caracterizam através da associação e a alternância.

A inter-relação entre estes meios e fins tornam o ambiente propício a uma complexidade de componentes, pois essa estrutura pedagógica tem fundamentalmente o propósito de desenvolver sujeitos íntegros e capazes de transformar sua realidade. Observa-se que nesta estrutura educativa andam lado a lado a racionalização e a

subjetivação, evidenciadas em uma tentativa de formação interdisciplinar ancoradas pelo espaço, tempo formação e trabalho.

O resgate do saber local leva a uma potencialidade de valores sócio-ambientais que emergem de uma práxis mais sustentável, as quais foram camuflada pela ordem social do progresso economicista. Os temas geradores (aspectos de interesse a ser estudado pelas famílias) como metodologia adequada, trazem em evidências problemas e debates esquecidos pela estrutura vigente do currículo escolar disciplinar, porque partem da realidade vivida pelas famílias.

Essa metodologia desperta nas famílias a auto estima e a valorização pessoal que transcende a técnica, uma capacidade de gerir condições que lhes proporcionem a busca de atendimento as necessidades e possibilidades de concretizarem seus ideais. Gimonet (1999, p.45) durante seminário Internacional da pedagogia da Alternância promovido pela UNEFAB - União Nacional da Escolas Família Agrícola do Brasil, coloca que "A Pedagogia da Alternância, nos CEFFAs, dá a prioridade á experiência familiar, social, profissional, ao mesmo tempo como fonte de conhecimentos, ponto de partida e de chegada do processo de aprendizagem, e como caminho educativo".

Estes aspectos demonstram uma participação efetiva da pedagogia da alternância, no desenvolvimento sustentável, e suas formas de arranjos produtivos, associativos e organizativos, neste mundo complexo que esta em evidência.

2.4 Formação Integral e Interdisciplinaridade

A prática pedagógica do CEFFAs, é uma experiência interdisciplinar importante no desempenho da formação através da pedagogia da alternância, onde estabelece relações de reciprocidade constantes, isso se evidencia na produção do plano de formação desenvolvido como eixo central da formação ofertada. Todos os professores, monitores e famílias representadas pela associação do CEFFAs propõem conteúdos que contribuem para um raciocínio ordenado pelos temas geradores no que se refere aos conteúdos trabalhados pela formação científica e conhecimento empírico.

Esse novo paradigma curricular através da interdisciplinaridade, baseada na interdependência das diversas áreas do conhecimento fundamenta uma nova proposta de ensino. A interação social do grupo estabelece uma relação afetiva para que aconteça um trabalho coletivo, ou seja, uma interação conjunta de valores éticos e morais, de reflexão e ação, enfim, um diálogo permanente. Sendo assim,

A educação deve mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie

humana,o destino individual,o destino social,o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana (MORIN, 1921,P 61).

A alternância integra a educação propondo unir o espaço entre o meio-sócio profissional e o centro de formação, faz potencializar experiências que contribuem para uma aprendizagem que não se limita apenas ao espaço escolar, mas a seus fundamentos baseados na práxis, em que a ciência é acessada através de uma "pedagogia ativa", sem perder as características próprias dos educandos.

A construção de uma personalidade própria através da formação integral estabelece um vínculo importante com a família e com o espaço escolar, possibilitando a construção do projeto de vida para o desenvolvimento pessoal e da propriedade rural, ou seja, o desenvolvimento do meio através da formação de seus próprios atores.

Segundo Gimonet (2007.p.96), o modelo pedagógico da alternância contribui "para o assumir da pessoa, lugar e poder, que lhe confere e lhe faculta tomar." "Sim não é abusivo afirmar que a alternância é uma pedagogia da adolescência, porque é uma pedagogia da Complexidade. A alternância permite de fato, ao adolescente caminhar no coração da complexidade." Esta práxis propõe um ligamento entre a formação integral do sujeito e o desenvolvimento do seu meio de vivência, esta formação fornece caminhos e oportunidades de um resgate da auto crítica através da mediação entre a racionalização e a subjetivação, ou seja do instrumental, da técnica e ciência e a o sujeito humano crítico e liberto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica a modernidade supõe um novo olhar dando evidências ao paradigma da complexidade, pois a humanidade está voltada a ações racionais e subjetivas. Os espaços de relações sociais possibilitam uma retomada de atitudes de valorização do ser humano, e estabelecem, através da prática nos espaços de vivência, um estímulo as possibilidades alternativas. Neste contexto, a Formação por Alternância é um verdadeiro sistema educativo que desenvolve condições para que haja uma construção de potencialidades através da racionalização e da subjetivação. Deste modo,

Introduzir a alternância para a formação significa diversificar os espaços e os tempos para aprender, se formar, se orientar. É substituir uma pedagogia plana,por uma outra no espaço e no tempo é ingressar na complexidade e na educação sistêmica. (GIMONET,2007,p.81)

A Construção do sujeito ator pela ação recíproca

dos indivíduos potencializa transformações sociais e a quebra de paradigmas. Na educação com base interdisciplinar esta possibilidade de transformação das atitudes subjetivas são evidenciadas através da formação integral possibilita resgatar os valores éticos e morais.

Portanto, as CEFFAS como um espaço educativo voltado ao desenvolvimento da agricultura familiar, representa um processo em contínua construção em busca de uma sociedade mais sustentável no nível social e ambiental. Neste sentido pode-se dizer que os paradigmas complexos podem estabelecer vínculos de ação e reação importantes para um avanço do conhecimento e do futuro da humanidade. Enfim, a formação por alternância oportuniza ações favoráveis para a construção de um ser humano mais ético nos aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais.

REFERÊNCIAS

GIDDENS, A.. As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: UNESP, 1991.

TOURAINÉ, Alain. Crítica da Modernidade. Tradução, Elia Ferreira Edel. 3 Edição. Editora Vozes. Petrópolis. RJ. 1994

BECK, U. .. 1944. A Reinvenção da política: política, tradição e estética na ordem social, Anthony Giddens, Scott Lasch. Tradução Magda Lopes- SP: Editora Universidade Estadual Paulista. 1997.

LEFF, E.. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, complexidade, Poder . Petrópolis,RJ: Editora Vozes. 2001.

TEDESCO, J.. (Org) Agricultura Familiar: realidades e perspectivas. 2 ed. Passo Fundo: EDIUPF,1999.

ARCAFAR/SUL, Associação da Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil. Barracão. Paraná. 2010.

GIMONET, G.. Praticar e compreender a pedagogia da Alternância do CEFFAS. Tradução Thierry de Burghgrave. Petrópolis,RJ: Editora Vozes: 2007

GADOTTI, M.. Concepção Dialética da educação: Um estudo introdutório. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1983.

MORIN, E.. Os sete saberes necessários para a educação do futuro. 2.ed. São Paulo; Brasília-DF: Cortez, 2000.

PINHEIRO, D.. A Agricultura Familiar e suas Organizações: o caso da associação de Produtores. In.Tedesco, J. C.. Agricultura Familiar, realidades e perspectivas. 2ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

BRANDENBURG, A.. FERREIRA, Â. D. D.. Agricultura e Políticas Sócio-Ambientais Rurais. IN: RUSCHEINSKY, Aloísio. (Org.) Sustentabilidade uma Paixão em movimento. Porto Alegre: Sulina 2004.

MIGUEL, A.. Agroecologia: A dinâmica produtiva da Agricultura Sustentável. Porto Alegre: Editora Universidade- UFRGS,1998.

LAMARCHE, H. (coord). Agricultura familiar. Campinas: Editora da UNICAMP,1993.

ALMEIDA, J., NAVARRO, Z.. Reconstruindo a agricultura: idéias e ideais na perspectiva de um desenvolvimento rural sustentável. 2 edição. Porto Alegre. Ed.Universidade-UFRGS,1998.

BRANDENBURG, A.. FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno. FLORIANI,D.. SILVA, Osvaldo Heller da. Ruralidades e Questões Ambientais: estudos sobre estratégias projetos e políticas. Brasília- MDA. 2007.

CALVÓ, P. P.. Pedagogia da Alternância. Alternância e desenvolvimento. Centros de Formação por Alternância. União Nacional das Escolas Família Agrícola. 2 ed. Primeiro Seminário Internacional. Anais... Salvador, 1999.

GIMONET, J.,. Nascimento de um Movimento Educativo: As Casas Familiares Rurais de educação e de Orientação. União Nacional das Escolas Família Agrícola. 2ª ed. Anais Primeiro Seminário Internacional, Salvador, 1999.

FORGEARD, G.. Pedagogia da Alternância. União Nacional da Escolas Família Agrícola. 2 edição Primeiro Seminário Internacional. Anais... Salvador.1999.

MALUF, R. S. & CARNEIRO, M. J. (org.). Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. MALUF, Renato. A multifuncionalidade da agricultura na realidade brasileira. In: WANDERLEY, M. N. B.. Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro. In. Tedesco, J. C.. Agricultura Familiar, realidades e perspectivas. 2. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

SANTILLI, J. F. R.. Agrobiodiversidade e direito dos Agricultores. Tese de Doutorado. Universidade Católica do Paraná. Curitiba 2009.